

**“ANÔNIMOS” DO PEDREGAL:
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES
(1970-2009)**

Paulo Roberto Sales Neto¹
Telma Bessa Sales (Orientadora)²

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender o processo de constituição do Bairro Pedregal, reconhecendo e valorizando as personagens, principalmente por meio das narrativas dos seus moradores. O bairro Pedregal surgiu na década de 1970, com apenas algumas moradias construídas em taipa e palha. No início de 1980, a igreja católica por meio do Movimento de Promoção Humana - MPH conseguiu junto ao governo do Estado financiamento para a construção de casas em regime de mutirão, que levou o nome de Conjunto Habitacional Luíza Távora. Depois da construção do conjunto habitacional, o MPH continuou por alguns anos a dar assistência aos moradores por meio da realização de projetos, tais como: chapeleiras, olarias e hortas comunitárias. O MPH deixou de atuar depois que o padre ficou com suas atividades limitadas por motivo de saúde e a Associação Comunitária Beneficente do Bairro Pedregal passou a lutar por mais espaços para construção de novas moradias. Por volta do ano 2000 houve a ocupação de terrenos pertencente à paróquia e em 2006 houve nova ocupação de terrenos, desta vez de particulares, que ainda hoje está em litígio, mas os moradores continuam lá. Dialogando com teóricos, como PORTELLI, THOMPSON e VILANOVA pretendemos dá sentido a nossa pesquisa compreender a dinâmica da cidade.

Palavras-chave: Santana do Acaraú/CE. Bairro Pedregal. Memórias.

Introdução

O Bairro Pedregal está localizado no subúrbio da cidade de Santana do Acaraú/CE, e tem como principal acesso a Avenida Prefeito Gerardo Araújo.

Por meio do Padre Francisco José Aragão e Silva, com apoio do governo do Estado, então governador Virgílio Távora, e ao PRODECOR (Programa de Desenvolvimento das Comunidades Rurais) constituiu-se um projeto para construção de 20 casas de alvenaria, construídas em regime de mutirão, com o objetivo de urbanizar o local, pois até o momento havia apenas residências de taipa e palha.

O Pe. Francisco José Aragão e Silva. Padre diocesano, com apoio de alguns moradores, fundou o Movimento de Promoção – MPH, legalmente constituída com

¹ Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Discente do Curso de Pós-graduação em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pelo Instituto Superior de Educação do Ceará – IESC. E-mail: pauloroberto_quixeramobim@hotmail.com.

² Professora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

finalidade filantrópica, no ano de 1982, para obter novos recursos para a construção de mais casas.

O Movimento de Promoção Humana ainda conseguiu rede de energia elétrica e abastecimento de água, destacando o bairro como o primeiro do município a ser beneficiado com o sistema de bombeamento d'água.

No ano de 2000 o Movimento de Promoção Humana já não tinha nenhuma participação no conjunto habitacional. Os filhos dos primeiros moradores já haviam casado e constituído família e necessitavam de moradias. Alguns moravam de aluguel, outros moravam com seus pais. A Associação Beneficente do Bairro Pedregal, era a instituição mais ativa e passou a se preocupar com as questões de moradia. Decidiram em reuniões que iram ocupar parte do terreno que ficava aos arredores do bairro, que pertencia a Paróquia Nossa Senhora Santana. O terreno foi loteado e doado aos associados que tivessem família.

Anos depois outro terreno, esse agora particular, que também fica próximo ao bairro foi invadido e loteado entre os associados. Esse terreno ainda hoje está em litígio. Os moradores afirmam que não sairão e continuam a construir e reformar suas casas.

O nome do bairro foi idealizado por antigos moradores das proximidades do açude Oriente e inspirados num recanto que fazia parte do enredo da novela *Ovelha Negra*, exibida em 1975 pela Rede Tupi, de autoria de Walter Negrão³.

O tempo passou e o nome Pedregal acabou se popularizando e até hoje é conhecido dessa forma. Mesmo não sendo o nome oficial (não existe nome oficial) as correspondências de água e luz trazem o nome Pedregal.

Assim, objetivamos compreender o processo de constituição do Bairro Pedregal, reconhecendo e valorizando as personagens, principalmente, por meio de depoimento dos seus moradores. Analisar de que modo o bairro surgiu, percebendo os diversos atores que contribuíram para a sua formação. Compreender a intervenção do MPH no município de Santana do Acaraú. Observar qual a importância do nome do bairro para os moradores e por que até hoje (2009) nenhum nome foi oficializado. Perceber que

³ Nessa novela havia uma cidade com o nome *Águas de Santana*. Dentre as personagens havia o filho do prefeito que em um desentendimento com o pai resolveu criar outra cidade próxima e colocou o nome de *Santana do Pedregal*. Por esse motivo, os moradores do bairro Pedregal, ao perceberem uma ligação do nome da cidade (Santana) existente na novela com o lugar onde moravam, acabou por associar os espaços. Antes o espaço a qual passaram a denominar *Pedregal* era chamado de Oriente, por causa do açude Oriente.

importância os diversos espaços de sociabilidade existente no bairro (como campo de futebol, Parque do Povo) e como estes interferem no cotidiano dos moradores.

Metodologia (Materiais e Métodos)

Este projeto teve como principal fonte a oralidade dos indivíduos que moram no bairro Pedregal ou que participaram de sua fundação. Tentaremos, por meio de entrevistas, fotografias e observação, levantar o maior número de informações que nos leve a entender como se deu e por que se deu o surgimento do bairro Pedregal. Entrevistar moradores antigos e jovens, bem como realizar entrevistas com moradores de outros bairros para perceber como estes enxergam o bairro Pedregal.

Resultados e Discussão

O Bairro Pedregal pode ser considerado “bairro modelo” se comparado ao outros bairros suburbanos. Funcionam no bairro várias entidades que congregam os moradores: como o Movimento de Promoção Humana, Projeto Criança Esperança, que é mantido pela Associação Santanense de Promoção Social, funciona uma creche, mantida pela Prefeitura Municipal e a Associação Comunitária Beneficente do Bairro Pedregal.

Há grandes construções no bairro como a Estação de Piscicultura Prof. Américo Barreiro, o Parque do Povo e o açude Oriente. Atualmente moram no bairro Pedregal uma média de 300 (trezentas) famílias, totalizando em média mais de 1.400 (mil e quatrocentos) pessoas.

Também analisamos a discussão em torno no nome do bairro, idealizado pelos primeiros moradores. Os vereadores ano de 2004 aprovaram uma Lei colocando o nome de Bairro Pe. Francisco José Aragão e Silva, fato esse que levou vários moradores a procurar o prefeito e pedir que ele não sancionasse a Lei, o que aconteceu. Essa atitude tomada pelos moradores demonstra que o nome é carregado de sentimentos e de pertencimento.

Conclusão (Considerações Finais)

Esta pesquisa é mais uma contribuição para a história da população do Bairro Pedregal. É a primeira tentativa de narrar à história dos moradores, dos movimentos que existem no bairro. Quando tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa, percebi que em Santana do Acaraú não existe uma escrita histórica que der conta de conhecer a

história dos bairros, mas somente uma história de um passado bem distante que se remete a fundação da cidade.

Apenas a fundação da cidade, vista pelo viés da religião católica é conhecida pela maioria da população. Durante as comemorações no aniversário do município, as escolas sempre passam trabalhos com as mesmas perguntas de anos anteriores. Essas perguntas se reportam a nomes de prefeitos, padres, vereadores, médicos etc. que tiveram atuação considerada “importante” para o município. Foi aí que encontrei um desafio que me colocou à prova durante todo o curso de história. Sou responsável nesse momento, de contribuir para que o outro lado da cidade como chamamos na academia, de *história social, a história vista de baixo, dos excluídos*, também seja objeto de estudo nas escolas, e dessa forma mostrar as pluralidades que a cidade possui.

Durante a pesquisa me deparei com dificuldades que foram superadas pela imensa ajuda que tive dos moradores que procurei para contribuir com suas memórias, com o empréstimo de fotografias, atas, relatórios etc. As leituras desses registros a cada instante mostravam que eu podia sim escrever a história de pessoas que também contribuíram para o desenvolvimento, para a recriação da cidade. Os documentos me levaram a compreender como os indivíduos são moldados e também moldam seu lugar social e assim transformam o mundo.

Ao final de meses de escrita, revisão e correção ainda tenho a impressão que o trabalho não está concluído, e esse sentimento de incompletude compartilhado com a orientadora serviu para esclarecer finalmente que todas as aulas de teoria, muitas vezes incompreendidas ficassem como nunca, bem claras, onde a história realmente é construída e reconstruída por cada olhar diferenciado. Essas diferenças agora compreendidas me provam que o mundo é realmente um lugar múltiplo e heterogêneo, capaz de acolher todas as diferenças.

Utilizando depoimentos dos moradores, e também a documentação guardada por alguns deles, pelas associações que atuaram e ainda hoje atuam no bairro, além de fotografias, ajudaram na escrita desse trabalho. As entrevistas realizadas por mim foram cedidas e estão arquivadas no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, localizado no campus do Junco, no Centro de Ciências Humanas – CCH, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, em Sobral/CE.

Referências

CERTEAL, Michael de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

GRELE, Ronald J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica à história oral. In. FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Fundação Getúlio Vargas. (p. 271)

JANOTTI, M, L. M. O desafio da história oral. In: Negros brasileiros. Encarte Especial. **Ciência Hoje**, CNPq, vol. 8, n. 48, p. 35, 1998.

Löwi, Michael. As esquerdas na ditadura militar: O cristianismo da libertação. In.: RED, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. **Revolução e democracia 1964**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2008.

MORAIS, Ana Flávia Goes. “**Ô mãe caridosa é um pedido de uma mãe para mãe**”: **fragmentos da atuação de Luíza Távora no projeto político de Virgílio Távora**. Trabalho apresentado na ANPUH 2009. Fortaleza/CE.

OLÍMPIO, Marise Magalhães. **A sétima cidade: trajetórias e experiências dos primeiros moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter**. Fortaleza, 2011. Dissertação de Mestrado, UFC.

PORTELLI, Alessandro. “**O que faz a história oral diferente**”. Projeto-História. São Paulo: Educ, n. 14 , 1997.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In. FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Fundação Getúlio Vargas.

ROUSSO, **Henry**. A memória não é mais a mesmo. In. FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Fundação Getúlio Vargas.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SOUZA, João Carlos. “**Na luta por habitação: A construção de novos valores**”. Dissertação de Mestrado, USP.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

VILANOVA, M. Pensar a subjetividade: estatísticas e fontes. In: MORAES, M. (Org.) **História Oral**. Rio de Janeiro: DPDOC, 1994.